

CIDADE CONTEMPORÂNEA: TRANSFORMAÇÕES TERRITORIAIS E NOVAS RELAÇÕES TEMPORAIS

Sandra Catharinne Pantaleão Resende¹
sandrinhapanta@gmail.com

Resumo

As transformações das últimas décadas demonstram que a revolução informacional interferiu na organização das cidades, devido ao impacto dos sistemas de fluxos e redes, quanto à infraestrutura bem como as ideias de caos e fragmento. Ademais, a partir dos anos 1970, as ações preservacionistas emergiram como estratégia para a reinserção de centros históricos e de áreas obsoletas, como antigas zonas fabris e portuárias no circuito mundial. Nesse contexto, houve, sem dúvida, uma transformação na fisionomia urbana em que se verificam imagens fragmentadas, conformando-se palimpsestos. São paisagens pulsadas pelas mudanças sócio-tecnológicas somadas às ações da indústria cultural, especialmente vinculadas ao turismo, que demandam novos desdobramentos de ocupação territorial, na qual a arquitetura tem construído imagens distintas de épocas precedentes, numa tentativa de unificar presente, passado e futuro entremeando fluxos informacionais e atividades altamente especializadas. Emergem, desse modo, novos conceitos e nomenclaturas para designar esses processos, em que destacam-se: *festivalização*, cidades globais, cidades genéricas, *junkspace*, *terrain vague*, os quais visam compreender as feições que a cidade contemporânea vai assumindo, mediante a formação de novos pólos econômicos e a cristalização de áreas históricas, em que há uma redefinição do mapa global de imagens midiáticas. As cidades passam a competir entre si, em que as intervenções arquitetônicas conclamam os *star architects* para remodelar tecidos históricos ou aqueles em franca expansão. O presente artigo apresenta alguns destes conceitos, enaltecendo as reflexões do arquiteto Rem Koolhaas que culminam com os termos *generic city* e *junkspace*.

Palavras-chave: cidade contemporânea; intervenções urbanas; configuração territorial; megaeventos;

¹ Estudante do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Goiás e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

1. Introdução

A cidade contemporânea, em função da contextualização socioeconômica verificada nos últimas décadas, torna-se cada vez mais fragmentada, dispersa, pulverizada e difusa. Desse modo, sua compreensão exige observar as mudanças sócio-tecnológicas e os desdobramentos quanto à ocupação territorial, na qual a arquitetura tem construído imagens distintas de épocas precedentes, numa tentativa de unificar presente, passado e futuro entre fluxos informacionais e atividades altamente especializadas.

São inúmeras as nomenclaturas que visam designar tais mudanças. A revolução informacional e os arranjos econômicos do capitalismo tardio vislumbram novos conceitos e abordagens referentes à ocupação urbana e territorial, especialmente voltadas para as cidades que concentram os fenômenos acima citados. Sob esse aspecto, são denominadas por metrópoles, megalópoles, cidades mundiais ou cidades globais e, ainda, cidade genérica.

A configuração espacial dessas cidades contemporâneas implica uma nova realidade e uma nova sociedade diferente daquela que consolidou a vida urbana no período industrial. Sassia Sasken (1991), David Harvey (1992), Milton Santos (1996), Rem Koolhaas (1995), Manuel Castells (1999), Zaida Muxí (2004), Diane Ghirardo (2002), Carlos Garcia Vázquez (2004), Francesc Muñoz (2008), entre outros fornecem importantes reflexões críticas acerca do contexto socioeconômico que permeiam os ambientes construídos, ressaltando os aspectos da globalização como fatores incisivos na reconfiguração e transformação espacial das cidades que visam abrigar atividades altamente especializadas, vinculadas ao fluxo de informações, capital e pessoas.

Nesse contexto, essas cidades deixam de estabelecer relações unicamente intraurbanas, ao sofrer os processos de desindustrialização e desregulamentação financeira, a partir dos anos finais da década de 1970 e início dos anos 1980, em função da Crise do Petróleo (1973) e da Revolução da Microeletrônica, com a popularização dos recursos tecnológicos. Em consequência, há uma destituição territorial das quatro fases clássicas do capitalismo, que se interconectam na escala planetária.

Algumas partes das cidades passam a ter mais proximidade econômica com fragmentos de outras cidades do que com suas próprias partes, elevando-se a complexidade das cidades às redes tecnológicas, relegando em segundo plano os tradicionais tecidos históricos que estruturaram as cidades na longa permanência histórica, notadamente os espaços públicos que adquirem novas feições e significados. Além disso,

seus parques industriais e as áreas portuárias perdem sua relevância no circuito econômico internacional, sendo abandonadas e relegadas a segundo plano. São áreas, denominadas por Solà-Morales (2001) como *terrain vague*: áreas dotadas de um potencial e de uma memória urbana, mas que se encontram abandonadas à espera de novos usos. Assim o centro histórico e as áreas obsoletas são alvo de intervenções patrimoniais como estratégia de ressignificação na esfera global, como fator de competitividade e reinserção no circuito da indústria cultural.

As discussões de preservação e conservação dos tecidos consolidados sofrem distorções e canalizam para aquilo que podemos definir como “Eventos Arquitetônicos²”: trata-se das grandes intervenções administrativas de caráter turístico, denotando à cidade a configuração cenográfica, que se aproximam do “*loop*” da montanha-russa de Sevckenko (2004), em que a realidade é desprovida de realidade concreta e da *festivalização*, conforme aponta Muñoz (2008).

Em outras palavras, há uma cristalização do espaço público como mercadoria, imerso num mundo de fantasias e fantasmagorias, distanciando a sociedade de seus problemas urbanos (violência, congestionamento, pobreza, degradação ambiental, entre outros). Para Muxí (2004), Ghirardo (2002) e Muñoz (2008), essas questões revelam a “disneyficação” do mundo contemporâneo, emergindo a cultura de massa norte-americana sobre as cidades tradicionais europeias. Acrescentam-se também as observações de Koolhaas (1995) acerca da cidade genérica, desprovida de identidade e história.

Se na primeira metade do século XX, a prática urbanística percorria o zoneamento funcional e a hierarquia do espaço pela mobilidade do automóvel, muitas vezes de cunho estatal, a contemporaneidade assiste a um controle velado do espaço, com a inserção de elementos padrões, justapostos entre os tecidos urbanos históricos, resultando numa configuração espacial de escala planetária, tateada por uma rede de fluxos e fixos (SANTOS, 1996).

Pensar, portanto, na cidade contemporânea e sua espacialidade é refletir de que maneira as transformações socioeconômicas das últimas décadas, que abarcam as inovações tecnológicas e as novas relações de espaço-tempo (Harvey, 1992), carregam consequências no modo de se pensar sobre os conceitos e representações da cidade contemporânea.

Tendo em vista as mudanças ocorridas nos últimos trinta anos, o presente artigo apresenta algumas reflexões acerca da cidade contemporânea, sob o viés das

² Expressão empregada em Projeto de Iniciação Científica pelo autor.

transformações socioeconômicas e tecnológicas, identificando a interferência de tais mudanças na dinâmica territorial.

2. Sociedade em rede, fluxos informacionais e cidades globais: o rearranjo geográfico em escala global

Ao expandir-se e abrigar altos contingentes populacionais, as áreas urbanizadas vão perdendo sua fisionomia precedente em favor de fenômenos característicos das aglomerações de centenas de milhares de habitantes. A dispersão e a concentração modificam a estrutura dessas áreas aferindo-lhes outro patamar: a metrópole. Analogamente, do mapeamento figurativo da cidade, a representação perpassa feições geométricas e novas configurações urbanas ocorrem, cuja leitura passa a se efetivar por imagens cada vez mais abstratas, tendo em vista que as transformações são muito mais aceleradas.

Sassen (2001, p.104) aponta questões específicas como condições da atual fase que vivenciamos: a ascensão das tecnologias de informação associadas ao crescimento da fluidez e da mobilidade do capital. Fluxos de uma economia transfronteiriça de capital, trabalho, bens, matérias-primas e turistas que abarca todos os pontos do planeta, cuja articulação ocorre também pela conveniência dos estados nacionais. Tais mudanças são apontadas, pela autora, a partir dos anos 1980 e mais aceleradas nos anos 1990 como resultado do número crescente de países que optaram pela privatização, desregulamentação e abertura de suas economias frente ao mercado global.

As empresas estrangeiras passaram a participar gradativamente das economias nacionais contribuindo para um novo sistema de articulação do território. Novas unidades espaciais e novas escalas devem ser consideradas na articulação entre cidades e regiões, emergindo o que a autora denomina por *cidades globais*. Para a autora existem inúmeras formas de se nomear as transformações das cidades, sendo que o termo empregado se refere a uma estrutura específica: as relações intrínsecas dos fluxos de informação que percorrem a escala global, que, por sua vez, constituem estruturas espaciais distintas de outros períodos históricos.

O modelo de cidade global se refere a uma dispersão geográfica das atividades econômicas e, ao mesmo tempo, a integração das atividades das empresas, conformando centralidades conectadas na escala global, que se caracterizam por funções altamente especializadas. Uma vez conectadas, as aglomerações econômicas geram

atratividade e dinamicidade, tornando-se um ambiente urbano em função da sua capacidade transmitir fluxos de informações, em altíssima velocidade. Além disso, outra característica das cidades globais está na sua capacidade de atrair as sedes das empresas multinacionais para o seu território, muito em função da própria infraestrutura que possui, segundo os requisitos já mencionados, conformando sistemas urbanos transnacionais. Tornam-se, portanto, territórios desconexos de suas hinterlândias e passam a operar com partes de outras cidades distantes territorialmente, mas próximas devido aos fluxos de informações.

Sobre esse assunto, acrescentam-se as reflexões de Castells (1999) acerca das dinâmicas socioeconômicas que se desenvolvem a partir da revolução tecnológica. No entanto, a velocidade e a seleção tecnológica é, para o autor, seletiva social e funcionalmente. Neste contexto, configura-se uma desigualdade social, uma vez que “[...] as áreas desconectadas são cultural e espacialmente descontínuas: estão nas cidades do interior dos EUA ou nos subúrbios da França, assim como nas favelas africanas e nas áreas rurais carentes chinesas e indianas [...]” (CASTELLS, 1999, p. 52).

Há, portanto, uma especialização e fragmentação territorial como premissa básica para a formação das cidades globais, em que “[...] atividades, grupos sociais e territórios dominantes em todo o globo estão conectados, meados dos anos 90, em um novo sistema tecnológico que, como tal, começou a tomar forma na década de 70.” (CASTELLS, 1999, p. 52).

Endossando as questões apresentadas por Sassen (2001), Castells (1999) afirma que há um emaranhado de fenômenos que implicam na inovação tecnológica, com desdobramentos em várias dimensões: culturais, institucionais, econômicas e tecnológicas, o que conforma novos paradigmas. Um sistema tecnológico no qual a sociedade está imersa desde os anos 1990, principalmente com a disseminação do uso dos computadores pessoais, tornando o acesso às informações com custo menor e maior qualidade. Em meio a essa difusão, somam-se ainda as inovações tecnológicas das ciências biológicas, que trouxeram uma ampliação de conhecimentos genéticos, tornando possível a manipulação dos genes, seja na biologia, na medicina ou na agroindústria. Entre o final dos anos 1980 e início dos anos 1990, assistimos à revolução da biotecnologia, culminando com experiências de clonagem genética, juntamente com as inovações informacionais, principalmente com a popularização da *internet*.

Esse panorama é baseado, segundo Castells (1999, p. 87), numa economia informacional e global, pois “[...] sob novas condições históricas, a produtividade é gerada, e a concorrência é feita em uma rede global de interação.” E ainda:

[...] as novas tecnologias permitem que o capital seja transportado de um lado para outro entre economias em curtíssimo prazo, de forma que o capital e, portanto, poupança e investimentos, estão interconectados em todo o mundo, de bancos a fundos de pensão, bolsa de valores e câmbio. Uma vez que são moedas interdependentes, as economias de todas as partes também o são. Embora os principais centros empresariais forneçam os recursos humanos e instalações necessárias para gerenciar uma rede financeira cada vez mais complexa, é nas redes de informação que conectam esses centros que as verdadeiras operações de capital ocorrem. Os fluxos de capital tornam-se globais e, ao mesmo tempo, cada vez mais autônomos *vis-à-vis* o desempenho real das economias. (CASTELLS, 1999, p. 111)

Como consequência da introdução das tecnologias de informação nas indústrias adiantadas, as regiões centrais que concentravam os negócios nas grandes metrópoles e nos centros empresariais do mundo tiveram uma explosão quantitativa de empresas estabelecidas, nos anos 1980, gerando uma alta concentração da informação. Desse modo, como coloca Sassen (1998), as cidades representam papel de destaque quanto à dimensão espacial que a globalização econômica imputa, tendo em vista que o lugar e a localização da informação e a propagação dos fluxos constituem formas específicas de articulação entre diferentes áreas geográficas.

As transformações ocorridas durante as últimas duas décadas na composição da economia mundial, acompanhando a mudança de direção na direção de prestação de serviços e finanças, suscita a renovada importância das grandes cidades como locais destinados a certos tipos de atividades e funções. Na atual fase da economia mundial, é precisamente a combinação da dispersão global das atividades econômicas e da integração global, mediante a uma concentração contínua do controle econômico e da propriedade, que tem contribuído para o papel desempenhado por certas grandes cidades, que denomino de cidades globais. [...] (1) pontos de comando na organização da economia mundial; (2) lugares e mercados fundamentais para as indústrias de destaque do atual período, isto é, finanças e os serviços especializados destinados às empresas; (3) lugares de produção fundamentais para essas indústrias, incluindo a produção de inovações. Várias cidades também preenchem funções equivalentes em escalas geográficas menores, no que se refere a regiões transnacionais e subnacionais. (SASSEN, 1998, p. 16-17)

No entanto, há também áreas que se encontram excluídas desse novo dinamismo econômico, sendo que partes das cidades se tornam periféricas ou obsoletas, uma vez que perdem sua atratividade frente à economia global e informacional. Como exemplo, podemos citar grandes áreas industriais ou portuárias que foram abandonadas, tendo perdido suas funções e poder econômico, com um novo rearranjo geográfico em escala planetária, onde a divisão territorial e nacional deixa de ter importância do ponto de vista das relações impostas pelos fluxos informacionais e econômicos.

3. Arquitetura, pós-modernidade e cidades-espetáculo

Os reflexos também alcançam a esfera arquitetônica, que segundo Harvey (1992, p. 77), ressoam em formas urbanas dispersas, descentralizadas e

desconcentradas, tendo em vista as possibilidades que as novas tecnologias permitem, bem como os processos de *gentrificação* nas operações de regeneração dos tecidos urbanos degradados e, ainda, na transformação das cidades em mercadoria. Encontram-se nesse entremeio, conforme aponta Harvey (1992, p. 84):

A destruição e a demolição, a expropriação e as rápidas mudanças do uso como resultado da especulação e da obsolescência são os sinais mais reconhecíveis da dinâmica urbana. Mas, além de tudo isso, as imagens sugerem o destino ininterrupto do indivíduo, de sua participação frequentemente triste e difícil no destino coletivo. Essa visão, em sua inteireza, parece estar refletida pela qualidade de permanência dos monumentos urbanos. Monumentos, signos da vontade coletiva expressa pelos princípios da arquitetura, se oferecem como elementos primários, pontos fixos na dinâmica urbana.

A partir das colocações de Harvey (1992) podemos aludir que as cidades contemporâneas buscam construir memórias coletivas face às dinâmicas cada vez mais aceleradas imputadas pela economia global e informacional. No entanto, as tentativas de resgate histórico, propostas a partir dos anos 1960, parecem se esvaír à medida que se vinculam a construções midiáticas, em mensagens a ser consumidas, em histórias vazias, que para Muñoz (2008) retratam a superfície lisa e polida, como tentativa de reintegrar tecidos urbanos obsoletos ou degradados na dinâmica global.

Isso implica numa “manufatura da herança” como impulso das ações patrimoniais num processo de significação e construção de símbolos culturais, evidenciando a partir dos anos 1970, a preocupação com a identidade. Para Harvey (1992) tais questões confrontam as rápidas transformações que as inovações tecnológicas oferecem, mas que ao contrário das pretensões, há muito mais uma criação contemporânea da história do que seu resgate crítico. Assim, a arquitetura coopera para a criação de um mundo de informações e imagens das cidades que, mesmo presentes em diferentes partes do mundo, se assemelham entre si.

Os processos de intervenção em áreas degradadas – como o caso de Baltimore, nos Estados Unidos e das Docklands, na Inglaterra – demonstram que os valores da história, materializados nas ações patrimoniais, passam a ser objetos de consumo e espaços reinventados para a indústria cultural e turística. Ocorre a espetacularização das cidades em prol de uma economia centrada também na produção de espaços midiáticos e tomados pelos grandes eventos, que para Muñoz (2008) refere-se à *festivalização* das cidades como recurso de inserção nessa dinâmica econômica global e informacional.

Podemos dizer que as reflexões acerca da história e do historicismo como críticas ao movimento moderno, são apropriadas pela midiatização historicista, em que, muitas vezes, partes da cidade tornam-se imagens facilmente vendáveis nos panfletos

publicitários das agências de turismo. Assim, além das atividades altamente especializadas e da concentração dos fluxos de informação, a competição acirrada entre as cidades grandes do mundo ocorre pelo entretenimento e pelo consumo. Segundo Harvey (1992, p. 92): “dar determinada imagem à cidade através da organização de espaços urbanos espetaculares se tornou um meio de atrair capital e pessoas (do tipo certo) num período (que começou em 1973) de competição interurbana e de empreedimentismo urbano intensificados.”

Há um fascínio pelas superfícies lisas e polidas (Muñoz, 2008) que refletem a construção de imagens, cujo processo se reporta a um sistema de coordenadas entre o gosto e o brilho. Significa que as cidades passam por intervenções que evocam dois elementos em sua configuração: energia e diversão, num jogo de suavidade e limpeza, tendo como resultado a banalização do espaço urbano.

Paisagens urbanas criadas como espaços divertidos e límpidos, enérgicos e suaves que geram espaços altamente especializados como os centros urbanos históricos que sofreram intervenções recentes, orientados pelo consumo com atividades vinculadas ao lazer, à cultura e ao turismo global. Nas palavras de Muñoz (2008, p. 65):

Un territorio divertido, donde espacios para la visita y el consumo proliferan en una secuencia común que incluye museos, galerías y sournis. En este contexto, el propio paisaje urbano deviene parte del escenario de consumo dotando al itinerario turístico que une estos lugares de una atmosfera a un tiempo local y romántica. Pero este espacio urbano divertido también es suave, en el sentido de que si bien es un área que contiene el pasado de la ciudad, es también cierto que no es toda la historia urbana la que está allá presente, sino más bien aquella que el visitante-turista ya esperaba de alguna forma encontrar. Así, la historia o la forma urbana que se mantiene en estos lugares es aquella que permite una lectura rápida y simple, aquella que ya ha sido previamente tipificada por la cadena de imágenes mediática y por los folletos publicitarios de los tour operadores turísticos.

Como exemplo, Muñoz (2008) cita que essas transformações ocorrem principalmente em áreas portuárias, como espaços que funcionam desarticulados do restante da cidade, voltados para o mercado global no qual as cidades competem entre si, visando atrair o maior número de fluxos de capital e turistas. Os usos mais frequentes são comerciais, lúdicos ou de turismo, no qual a cidade se converte num grande parque temático, que agregam além dos elementos já citados, serviços de vigilância altamente desenvolvidos, favorecendo o controle do espaço em prol da segurança dos seus consumidores.

São imagens construídas para o consumo, tornando as cidades meras mercadorias no jogo da economia global, em que as identidades e memórias outrora existentes tornam-se imagens midiáticas. Complementando as colocações de Muñoz (2008), Scoffier (2009) aponta nossa condição contemporânea ao relatar um sociedade

rodeada por objetos visuais, tomadas por lugares protegidos e insuflados pelos fluxos contínuos de informação. Vivenciamos, pois, “[...] um mundo no qual somos ao mesmo tempo nômades e sedentários. Nômades, porque nos deslocamos permanentemente na superfície da terra e, sedentários, porque estamos ‘em casa’ aonde quer que estejamos.”(SCOFFIER, 2009, p. 163).

A instantaneidade coloca-nos frente ao tempo real dos acontecimentos, nos orienta a vivenciar efêmeros acontecimentos, que se sobrepõem aos anteriores, esvaindo nossa memória interior. As informações passam a ser depositadas em bancos de dados que podem ser acessadas e resgatadas ao bel prazer. Para isso, basta estar conectado!

4. A cidade genérica: imagens embassadas ou não-figurativas

A cidade contemporânea alastra-se sobre as áreas rurais e/ou naturais, dispersando-se e conglomerando distintas organizações espaciais, principalmente, pela apropriação das áreas periféricas, dissolvendo as bordas existentes num horizonte cuja escala se propaga para além da territorial.

E, nesse contexto, muito mais que a escala, a arquitetura adquire a propriedade de grandeza, que para Koolhaas (1995) se refere ao tamanho dos edifícios e sua ocupação intensa nas cidades, fenômeno que ocorre em todo o globo, levando ao que ele define como cultura da congestão. Ao relatar o aspecto da grandeza (*Bigness or the problem of Large, 1995*), Koolhaas refere-se à complexidade presente na arquitetura, uma vez que inúmeras descobertas propiciaram a introdução de novas arquiteturas, especialmente quanto às infraestruturas. Isso levou a uma arquitetura cada vez mais imponente e verticalizada.

A artificialidade e a verticalização das cidades já haviam sido abordadas por Koolhaas em *Delirious New York* (1978) quando ele demonstra o fascínio pelos arranha-céus. A partir dessa proposição sobre as mudanças substanciais das cidades, seu olhar se desloca do centro para as periferias, onde a constituição da metrópole ocorre de forma muito mais aleatória e livre da rigidez do planejamento urbano. Também, ao criar uma narrativa para a cidade de Nova Iorque, o autor destitui a arquitetura de sua aura artística, afirmando que exterior e interior se dissociam, num confronto entre a instabilidade das necessidades programáticas e iconográficas, o que se aproxima da ideia de objeto, apresentada por Scoffier (2009).

Delirious New York (1978) pode ser considerado o pontapé inicial de suas especulações conceituais acerca das transformações da cidade, buscando elucidar a

própria realidade em que vivemos. Uma realidade de caos e desordem que vivem em constante mudanças, fruto das própria dinâmica socioeconômica que se insere no espaço urbano.

No livro *S, M, L, XL* (1995), Koolhaas apresenta suas propostas arquitetônicas distribuídas e inseridas no mundo globalizado e informacional. Logo na apresentação, ele afirma que a arquitetura é uma mistura entre onipotência e impotência, pois os arquitetos se envolvem com os interesses de seus clientes e de instituições que, muitas vezes, corroboram para uma carreira cujos parâmetros não podem ser precisos e, tampouco, regulares, uma vez que as questões ou problemas de cada país se diferenciam. Ou seja, a complexidade da realidade é muito maior que os próprios arquitetos, especialmente aqueles que atuam na escala global.

Os projetos são apresentados conforme a sua escala, sem que houvesse uma preocupação em construir uma narrativa contínua. São fragmentos de textos que abordam as diferentes soluções de projeto, para diferentes escalas, em diferentes partes do mundo. É a produção do OMA que se coloca como uma constante atividade de criação e destruição, assim como já fora abordado no Manifesto sobre Nova Iorque: a cidade em constante transformação. Para ele, a arquitetura é uma pequena parte de uma paisagem dinâmica na qual está inserida.

Na introdução ou *Foreplays*, Rem Koolhaas revisa seus textos de 1972 e 1978, em que denomina *Babel*, criando uma figura de linguagem para suas primeiras impressões acerca da cidade. Em seguida, as obras do OMA são organizadas conforme as quatro escalas: pequena, média, grande e extra grande, em que se destacam alguns textos.

Um deles é *Bigness, or the problem of Large* (1995), no qual são apresentados os desafios da Grandeza em arquitetura, destacando-se o tamanho do próprio edifício, seja vertical ou horizontalmente falando, tornando-se, em alguns casos, uma minicidade. São edifícios que se corporificam a partir de um programa ideológico, independente da vontade do arquiteto. É essa dimensão que, para Rem Koolhaas, há a necessidade de um manifesto, justificando o próprio texto. Podemos dizer que este é uma prévia do seu texto subsequente *The generic city* (1995), que retrata a escala extra grande, culminando numa cidade sem identidade, com imagens imperceptíveis e recheadas de *junkspace* (2001).

Como uma continuidade descontínua de suas reflexões, Rem Koolhaas define a arquitetura da cidade genérica como *junkspace*. Uma arquitetura que 'engole' a própria cidade, sua artificialidade ao extremo. Essas questões são lançadas pelas pesquisas

realizadas na Harvard Design School Project on the City³ (2001), em que os conceitos da cultura da congestão e da cidade genérica são, de certa forma, discutidos a partir de dados da realidade, especialmente nos estudos das cidades asiáticas, e das dinâmicas econômicas dos países em desenvolvimento.

A partir da Grandeza, a cidade torna-se cidade fragmentada, desordenada cuja concentração e integração é vista como uma tentativa de organização sistemática. No entanto, essa articulação, descortina a ideia da “ [...] velha doutrina da forma-segue-a-função [...] para o anticlímax do diagrama, duplamente frustrante, uma vez que sua estética sugere uma rica orquestração do caos. Nessa paisagem de desmembramento e falsa desordem, cada atividade é *posta no seu lugar*.⁴” (Koolhaas, 1995, p. 506).

Ocorre uma hibridização programática, em que as partes são articuladas de forma independente, como consequência de uma constatação e revisão teórica dos alicerces da arquitetura moderna, prestes a se esvaír em prol das experimentações que a realidade virtual simulada introduziu em meados dos anos 1980.

Ao mesmo tempo, Koolhaas enfatiza a obsessão dos arquitetos pela mega-escala, mas que, no entanto, não consideraram os eventos sociais e econômicos que poderiam permitir uma reflexão teórica de como a Grandeza é um problema inexorável da arquitetura contemporânea. Nas palavras do autor:

Only through Bigness can architecture dissociate itself from the exhausted artistic/ideological movements of modernism and formalism to regain its instrumentality as vehicle of modernization. Bigness recognizes the architecture as we know it is difficult, but it does not overcompensate through regurgitations of even more architecture. It proposes a new economy in which no longer ‘all is architecture’, but in which a strategic position is regained through retreat concentration, yielding the rest of a contested territory to enemy forces. (KOOLHAAS, 1995, P. 510-511)

Na cidade, configurada pela Grandeza, a arquitetura deixa de desempenhar seu papel, tornando-se um mero objeto em meio às transformações sócio-tecnológicas das últimas décadas. Para Koolhaas, ocorre o anonimato da profissão, a perda da sua dimensão heroica. O arquiteto passa a depender de outras forças para a convalidação de sua arquitetura: a conectividade com outros campos de conhecimento e a rendição às tecnologias, que para ele é uma postura de neutralidade.

Esse panorama gera um novo tipo de cidade, cabendo a rua o papel de resíduo, um dispositivo organizativo, imerso no plano metropolitano. Local em se coexistem passado e presente e onde a Grandeza está presente em todas as partes. Essa disseminação e seu caráter de complexidade fazem com que a Grandeza se

³ Essas pesquisas estão apresentadas nas seguintes publicações: *Project on the city: great leap forward* ; *Project on the city 2: the Harvard design school Guide to Shopping* . ; e *Mutations* (2001).

⁴ Tradução nossa.

sobreponha à cidade, garantindo “[...] a generosidade do urbanismo contra a mediocridade da arquitetura”. Isso porque deixa de estabelecer uma relação com o contexto, permite explorar a dimensão global da tábula rasa e se coloca como o “último bastião da arquitetura”. E, assim, se constitui o que Koolhaas denomina como *The generic city* (1995).

Cidade genérica destituída de identidade e memória, calcada na congestão e densidade são algumas das características apresentadas por Rem Koolhaas ao narrar a cultura metropolitana. Cidades que se aproximam pela semelhança entre si, onde o passado é demasiado pequeno frente ao crescimento humano exponencial; onde a arquitetura como depósito da história perde sua referência; onde a massa de turista se multiplica cada vez mais; onde a identidade não existe mais.

As páginas seguintes ao texto *Bigness*, Koolhaas apresenta um paradoxo para si mesmo. Permanecer nos Estados Unidos ou voltar para Europa, no início dos anos 1980: de um lado o triunfo do pós-modernismo, onde tudo é grande; do outro, o historicismo em ascensão, onde tudo é contexto e pequeno. Na sequência, há um questionamento se *Delirious New York*, devido à sua fama, se tratava, de fato, de uma teoria arquitetônica, capaz de incorporar ideias e combinar-se com o discurso pós-modernista americano?

As áreas periféricas processam as transformações mais profundas desta nova configuração urbana, em contraposição ao *renovatio urbis* das áreas centrais consolidadas. As áreas vazias mostram-se como potencial para novas experimentações arquitetônicas. Perde-se o referencial dos limites urbanos: a ideia de início ou fim da cidade se perde, sendo que para destacar as distintas formas urbanas presentes, é necessário distinguir e identificar o(s) ponto (s) de inflexão que redirecionam o processo de sua constituição material.

Antes mesmo de apresentar seu guia sobre a Cidade Genérica, Koolhaas (1995) introduz XL a cidade de Atlanta como sendo a cidade real do fim do século XX, pois para ele é mais importante pensar a cidade hoje, como ela é do que como ela foi ou como será. Em sua descrição, ele caracteriza Atlanta por ter a CNN e a Coca-Cola; um prefeito negro e ter sediado as Olimpíadas; por ter o último museu de Richard Meier, assim como Ulm, Barcelona, Frankfurt, entre outras cidades; por ter um aeroporto, precisamente 40, sendo um deles o maior do mundo; por ter tido uma história, que foi apagada, removida e artificialmente ressuscitada; sua intensidade não se encontra em sua densidade física, mas nos fluxos de capital, mercadorias e pessoas e, por fim, Atlanta não possui sintomas de uma cidade clássica: não é densa, é esparsa como uma

composição suprematista, com florestas e vias expressas. E finaliza: “Atlanta não é uma cidade, é uma *paisagem*”. (KOOLHAAS, 1995, p. 835)

O mundo globalizado está repleto de tantas outras cidades como Atlanta, cidades genéricas, semelhantes aos aeroportos: sem identidade, sem história, sem memória. Impera a artificialidade. Como o fim de um começo, o último texto de *S, M, L XL*, intitulado por *The Generic City* (1995), é antecedido por uma série de imagens embassadas, em que se destacam elementos de infraestrutura urbana (semáforos, fios e arborização) em primeiro plano, com silhuetas disformes de arranha-céus (figura 1 e 2). Imagens capturadas de uma paisagem difusa, sob a ótica de alguém que não mais a percorre como o *flaneur*, mas a observa de um ponto fixo: de dentro de um edifício, de dentro de um carro ou de dentro do monitor.



Figura 1: Ilustração do texto *The Generic City*. Koolhaas (1995).



Figura 2: Imagem da cidade apreendida a partir de um ponto fixo. Koolhaas (1995).

Desse modo, as dinâmicas de redes e fluxos informacionais promovem uma mudança substancial na dimensão da cidade e, ao mesmo tempo, contribuem para a constituição de uma configuração espacial sem identidade própria, tendo em vista a semelhança de paisagens urbanas. Os fenômenos de dispersão e concentração, já abordados por Secchi (2009), evidenciam a mudança de escala à medida que se deve considerar a escala territorial e não apenas os limites intraurbanos. As imagens deixam de ser precisas e passam a incorporar à dinâmica e à fugacidade como elementos inerentes de ocupação territorial.

Partilhar o passado, nessa magnitude estratosférica, é uma proposta perdedora, como o caso de Paris que, em última instância, tem sua área central histórica convertida em uma *caricatura polida*, uma Hyper-Paris (figura 3), quando comparada ao tamanho ou Grandeza de sua área periférica e as mudanças que a escala exponencial das novas infraestruturas demandam na constituição de uma paisagem ignorada. Nesse contexto, Rem Koolhaas aponta que a atuação do arquiteto se desloca para áreas territoriais ainda não dominadas: a periferia em oposição às ações intervencionistas recorrentes nas décadas anteriores.

Para o autor, são áreas que comportam os equipamentos de grande escala: o aeroporto e espaços temáticos, como a Euro Disney. As relações com os elementos físicos e as características tradicionais dos assentamentos urbanos são substituídos por fragmentos arquitetônicos que se dispersam e reconfiguram o território metropolitano.

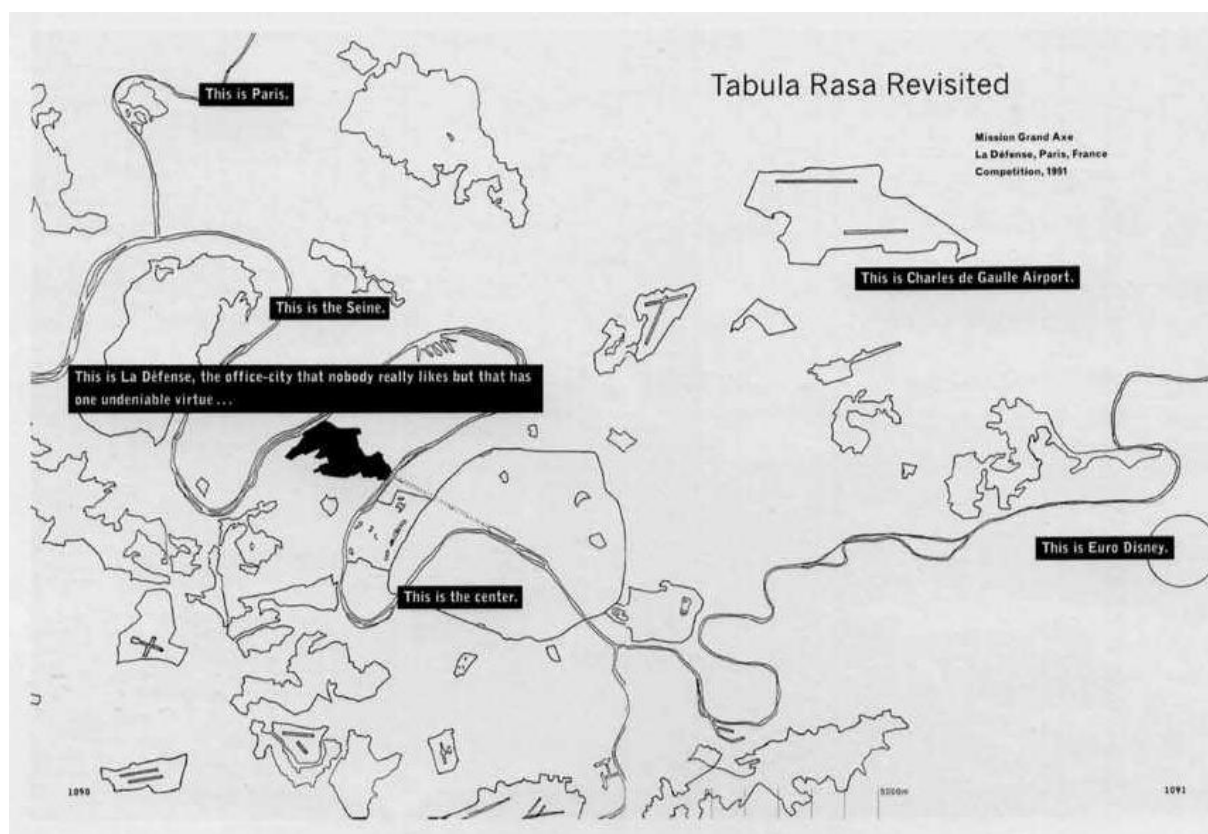


Figura 3: Relação entre a área histórica em Paris [em preto] e as áreas periféricas. Koolhaas (1995).

Desse modo, Koolhaas (1995) aponta a periferia como zona de valor potencial, local em que a massa crítica e a espontaneidade ocorrem frente à identidade centralizadora do centro histórico. O centro já não se expande nem vertical nem horizontalmente para o alto, mas sim para o centro da Terra, nas intervenções que utilizam o *underground*, seja pela instalação de infraestruturas, invisíveis na superfície, principalmente nos Estados Unidos; seja pela falta de espaço na Ásia, ou ainda, pela preservação histórica na Europa, vinculadas à indústria cultural.

A intensa e rotineira transformação de habitações em escritórios, galpões em lofts, igrejas abandonadas em danceterias e a inserção de novos estabelecimentos privados, novos parques temáticos e a museificação da cidade e a insistência em restaurar a história retiram da cidade sua autenticidade e deixam à margem do processo as áreas periféricas. Pensar que apenas o centro possui valor e significado, para o autor, é uma ação duplamente destrutiva, pois as intervenções de resgate histórico, não apenas mantêm o centro como também o moderniza. Em suas palavras:

[...] como lugar mais importante paradoxalmente tem que ser, ao mesmo tempo, o mais velho e o mais novo, o mais fixo e o mais dinâmico; sofre a adaptação mais intensa e constante, que em seguida se vê comprometida e complicada pelo fato de ter de ser uma transformação irreconhecível, invisível a olho nu. (KOOLHAAS, 2010, p. 34)

Assim, a cidade genérica emerge ao se libertar da clausura do centro e do espartilho da identidade, pois rompe com o ciclo destrutivo da dependência histórica, sendo um reflexo das transformações sócio-tecnológicas, já apontadas por Sasken (1991), Harvey (1992) e Castells (1999). Destituída de identidade e da permanente manutenção de sua história, a cidade genérica pode se expandir, se contrair, se autodestruir e se renovar sem qualquer problema: como um estúdio de Hollywood, com prazo de validade e existências predeterminados, sendo desse modo, superficial.

Além da perda da identidade e autenticidade, via história, a cidade genérica também possui estatísticas consideráveis: se nos anos 1970, era habitada em média por 2,5 milhões de pessoas, hoje possui cerca de 15 milhões e se alastra por todo o globo, mesmo que sua origem tenha sido na América. Uma cidade que não se contém apenas nos limites urbanos, pois alcança o campo, com a introdução de novos elementos nessas áreas. Se aglutina ao redor do Equador, onde o clima tropical impera, sendo, em sua maioria asiáticas, locais que viram a urbanização permear seus territórios nos anos 1970.

É uma cidade sem uma imagem fixa, em virtude das experiências que cada momento permite pela variabilidade das cores que a iluminação artificial impõe nas ruas – letreiros e iluminação pública. São sensações despertadas na mente que podem ser reconstituídas e intensificadas conforme a experiência do transeunte, numa busca constante de *evacuação* do domínio público.

A frenética movimentação da cidade pelos fluxos informacionais ocorre pela insurgência das vias expressas, que acelera a passagem e, ao mesmo tempo, evidencia as ligações necessárias entre as partes que a constituem. Nesse aspecto, o tráfego não pode ser medido, pois sua duração depende da congestão de cada lugar – um mesmo percurso pode durar cinco minutos ou quarenta, juntamente com a passagem para o ciberespaço.

[...] a cidade genérica é fractal, uma repetição infindável do mesmo módulo estrutural simples; é possível reconstruí-la a partir de sua entidade menor, de um computador pessoal ou talvez mesmo de um disquete [pen-drive]; Os campos de golfe são tudo o que resta da sua alteridade; A cidade genérica tem números fáceis de telefone; [...] Sua principal atração é a anomia. (KOOLHAAS, 2010, p. 38-39)

A distinção entre as Cidades Genéricas pode estar no Aeroporto, pois é ele que permite que as pessoas comuns a conheçam, sendo sinais emblemáticos e “gravados no inconsciente coletivo global”. Nada mais propício para essa sociedade informacional: estar em trânsito – nômade e sedentária, ser universal.

Quanto maior o aeroporto, em termos de ocupação da superfície, mais nova pode ser a Cidade Genérica, em que a mensuração não ocorre pela área em si, mas pelo seu desempenho: quantidade de passageiros atendidos.

Outro dado estatístico da cidade genérica se caracteriza pelo cosmopolitismo – multiplicidade racial, que leva a multiculturalidade e, portanto, a sobreposição de “estilos” e gostos arquitetônicos. É uma cidade fundada por pessoas em trânsito, cujo interesse efêmero e casual, não permite seu enraizamento. Abandona-se tudo aquilo que não é mais útil e o que resta é aquilo que mantém a cidade genérica. Tudo se torna resíduo de algo que já fora, ou seja, a história é superficial, como coloca Muñoz (2008) ao utilizar o termo superfície polida.

E é no arranha-céu que ela se afirma como tipologia final e definitiva, onde a densidade se processa como ideal. A habitação, uma prerrogativa dos modernistas, deixa de ser um problema, à medida que sua produção pode ser legal ou ilegal. Isso coloca em paradoxo a ocupação da terra: o solo mais caro se alastra sobre as barracos desordenadas que ocupam horizontalmente a cidade, enquanto que a verticalidade abriga os mais endinheirados. Aqui, podemos dizer que as paisagens se conformam entre dispersão e concentração.

É uma cidade que surge sem planejamento, sem orientação única, concorrendo todos os promotores e agentes na construção de um conjunto desordenado, sendo uma estética de estilo livre, mas sempre com três elementos presentes: as estradas, os edifícios e a natureza. Uma cidade aberta à expansão e a construção constantes, em que se proliferam sempre em conexão entre si.

As questões políticas também estão presentes quanto à promoção do espaço a mercê dos interesses privados que se aproximam dos públicos, visto às parcerias de tomar uma área periférica e promovê-la a centro urbano. Em relação à sociologia, a Cidade Genérica ainda é algo a acontecer, tendo em visto que não fora apreciada por este campo disciplinar, uma vez que a Cidade Genérica é capaz de debilitar todas as

estruturas que no passado levaram a algo que se consolidasse. É nela que reside a esquizofrenia social.

E, por fim, o programa da Cidade Genérica é o *shopping*. Ao passo que casa e escritório coexistirem em um mesmo espaço, restará apenas as compras como atividade das Cidades Genéricas. Assim como sua própria estrutura, é também uma atividade transitória e temporária. Consumir é a palavra de ordem impregnada nos espaços público, sendo a lógica organizativa dos *shoppings* como o amálgama dessa artificialidade que impera nos ares da Cidade Genérica.

Resta, portanto, à arquitetura sua condição de interioridade desprendida da exterioridade, uma vez que tornam-se espaços intermináveis e repletos de ar-condicionado. A rapidez de construção contribui para uma certa repetição e, por isso, mediocridade da arquitetura, uma vez que se utilizam das mais avançadas tecnologias, resultando também em edifícios genéricos, como paredes-cortinas com adesivos e selantes, capazes de comunicar e proliferar as imagens características da cultura pós-moderna.

Soma-se também a utilização do pós-modernismo como linguagem característica dessa arquitetura, à medida que este é capaz de acompanhar o desenvolvimento volátil da Cidade Genérica. Uma variedade que acaba se tornando banalizada, devido a repetição que a torna audaz e estimulante. E é nesse contexto que as pessoas habitam, de forma a ser menos preocupadas com o trabalho: um mundo cada vez mais artificial, com identidade produzida conforme o local que se insere, como um mantra.

Uma sociologia em curso, uma geografia artificial e uma arquitetura que a destitui de uma história, promovendo uma ausência, uma vez que aquilo que não serve é descartado e torna-se *junkspace*. A Cidade Genérica não se consolida como uma cidade histórica, se reduz à superfícies, sem substratos de longa duração histórica: sem memória, sem identidade, promovida por não-lugares, um espaço de passagem, efêmero e transitório e em constante alteração.

5. Considerações Finais

Em *The Generic City*, Koolhaas deixa bem claro que as mudanças das últimas décadas consubstanciam a configuração da paisagem territorial, em que se releva o consumismo como aporte principal na constituição do espaço urbano da cidade contemporânea. E é o *junkspace* que retrata homogeneidade de um espaço do

acontecimento: flexibilidade extrema da parte interna, com ar condicionado e elevador e a fachada lisa, do exterior. É o coágulo do processo de modernização em curso constante. Isto é, o resíduo desta mesma modernidade.

A infraestrutura ininterrupta contribui para a expansão desses elementos, capazes de se adequar e adaptar-se a inúmeros programas arquitetônicos. Um edifício que se aproxima da cidade, reproduzindo seus elementos, mas, agora, dotados de artificialidade.

Edifícios híbridos, com sobreposição e justaposição de atividades, em que a forma e a função estão totalmente dissociadas. É impossível revelar-se pela fachada. Um espaço condicional que se torna *junkspace*. Não obstante, deve-se pensar o espaço e não a arquitetura, sua representação. A falta da clareza do que seria o espaço, contribuiu para a constituição do *junkspace*, sendo ele mesmo um híbrido contemporâneo. Qualquer coisa, qualquer atividade pode ser adicionada e incorporada a seu contexto. Uma compilação de iconografias de “ordem fingida e simulada, um reino de transformação morfológica”. E, portanto, sem identidade, sem memória, sem referências, tal qual a cidade genérica, uma hiper-realidade.

6. Referências Bibliográficas

- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Editora Paz e Terra: São Paulo, 1999. v. 1
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Edições Loyola, São Paulo, 1992.
- KOOLHAAS, Rem. **Delirious New York**. Nova York: Monacelli Press, 1978.
- _____. Bigness or the problem of the large. In: KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. **S, M, L, XL**. Nova York: Monacelli Press, 1995.
- _____. The generic city. In: KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. **S, M, L, XL**. Nova York: Monacelli Press, 1995.
- _____. **Três textos sobre a cidade**. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.
- _____. The global city: introducing a concept and its history. In: KOOLHAAS, Rem [et. al.]. **Mutations**. Actar: Barcelona, 2001. p. 104-115.
- KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. **S, M, L, XL**. Nova York: Monacelli Press, 1995.
- MUÑOZ, Francesc. **Urbanización**: paisajes comunes, lugares globales. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.
- SASSEN, Saskia. **As cidades na economia mundial**. Studio Nobel: São Paulo, 1998.
- SCOFFIER, Richard. Os quatro conceitos fundamentais da arquitetura contemporânea. In: OLIVEIRA, Beatriz Santos [et. al.] [orgs.]. **Leituras em teoria da arquitetura**. 1. Conceitos. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2009.
- ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional** (IPHAN). Rio de Janeiro, n. 24, 1996, p. 205-212.